

“EDUCA-AÇÃO” FÍSICA : UMA ABORDAGEM CURRICULAR NA FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS

Luis Sérgio Peres¹

Introdução

Podemos afirmar que vivemos um momento de profunda crise na educação brasileira. Crise manifestada pelos altos índices de evasão e repetência, pela baixa qualidade de ensino oferecido, pela péssima valorização dos profissionais da educação, pela falta de valorização da escola pela sociedade, pela ausência de referência, ou seja pela crise de paradigmas que fundamentam uma determinada concepção de educação.

Podemos observar ainda, que os planos curriculares, estão centrados numa proposta estritamente tecnicista, desvinculada de uma formação voltada para o profissional da educação, com disciplinas de cunho sócio-filosófico e cultural, insuficientes e ministradas sem conexão com os reais objetivos do curso.

Neste contexto de crise, encontram-se dois sujeitos por excelência do processo educativo. De um lado o professor, não sabendo situar-se, desmotivado, desmoralizado e desacreditado socialmente, como bem sintetiza SILVA (1993, p. 13) “O magistério brasileiro veio cambaleando, neste século, entre os trilhos da ilusão e da desilusão para chegar a sentir-se, neste agora, completamente coisificado, degradado e vilipendiado”.

De outro lado temos o aluno que não encontra na escola um espaço de discussão dos seus reais problemas, seus apelos não encontram ressonância, seu centro de interesses são outros, freqüentam a escola obrigados pela família, ou para alcançar um

¹ Professor do Curso de Educação Física da Unioeste, Marechal Cândido Rondon/Pr - Mestre em Cineantropometria/UFSM

posto de trabalho, mas isto não significa a realização pessoal por si só.

CAPRA (1987), citado no “Pressuposto Teórico” do curso da Unioeste, classifica estes problemas como uma crise de paradigmas tanto nas ciências quanto na educação. O paradigma hegemônico dos últimos dois séculos, o newtoniano-cartesiano, mecanicista em estruturação e nos critérios balizadores de ação e avaliação, fundada na crença de que a soma dos conhecimentos particulares apontaria para o entendimento do todo, sofre severas críticas e sua validade, colocada sob suspeita.

O reconhecimento da crise é um fator positivo porque desvela a realidade objetiva e nos desafia na busca de novas perspectivas para a educação. É preciso redefinir a função social da escola enquanto instituição e redefinir a docência enquanto mediação entre sujeitos sociais distintos que buscam no diálogo uma possibilidade de entendimento.

Na mediação da docência em sala de aula, que se efetivam as aprendizagens formais e sistemática e os conteúdos delas adquirem vida ao serem assumidos na qualidade de elementos determinados do conhecimento alcançado no entendimento compartilhado por professores e alunos, sujeito/atores do seu ensinar e aprender. Os alunos com seus saberes da vida e o professor, além dos saberes da própria experiência vivida, com o saber organizado e sistematizado, sob forma escolar e em função dela, na cultura e nas ciências. (MARQUES, 1995, p. 42).

Mas este entendimento de docência é problemático, porque a maioria dos professores, ou não conseguiu ainda superar a concepção tradicional da docência, ou permanece perdido entre as diversas abordagens pedagógicas, como sintetiza SILVA (1993, p. 17)

As chamadas ‘inovações pedagógicas’, enlatadas e vendidas por gurus de fala grossa, circulam pelos desertos do magistério conforme estações da moda: neste semestre, esta proposta; no

semestre que vem aquela abordagem. Nesse veste desveste de propostas, teorias, abordagens, inovações, etc..., os professores se sentem eternamente como seres desnudos e desnucados.

Portanto, acreditando que a compreensão da especificidade da docência, enquanto espaço privilegiado de uma relação intercomunicativa entre os sujeitos do processo de ensino-aprendizagem, possa ser um dos elementos para a superação desta crise. O egresso ao sair do campus universitário, torna-se um docente apático à evolução cultural e social, acomodando-se, tornando-se um tradicional professor de educação física. Quanto ao desenvolvimento de suas atividades, não motiva ou não desenvolve nos seus alunos o amor próprio pelo esporte, pela prática do movimento e pela saúde, esquecendo que atualmente a educação física encontra-se no desenvolvimento de produção científica, principalmente nas áreas relacionadas com a corporeidade, a educação física infantil e o esporte sem precedentes no Brasil. Desmistificam-se ideologias; questionam-se movimento e o surgimento das oportunidades de mudanças, só que a grande realidade do dia-a-dia, na prática e na vivência, não se concretiza, muitos docentes são acomodados, indiferentes com as transformações e com receios de mudar.

Educação brasileira: uma abordagem

Atualmente a educação no Brasil, vem perdendo sua batalha, desacreditada, transformando-se num fracasso geral. Esta geralmente se resume em pequenas ilhas isoladas, núcleos de interesses puramente particulares, extremamente elitistas e individualistas, desvinculadas de qualquer projeto de alcance coletivo.

SEVERINO (1993), coloca que não há quem não reconheça a importância e a necessidade da educação para a sociedade brasileira. Em decorrência, se valoriza igualmente, no plano do discurso, a função do professor e a necessidade de sua qualificada

formação. Mas também aqui prevalece o paradoxo: as medidas tomadas e os investimentos feitos com vistas a essa formação em nada correspondem aos valores apregoados. Os profissionais da educação são formados segundo esquemas definidos há 20 anos e, apesar dos diagnósticos feitos da precariedade dessa formação, das críticas e sugestões já formuladas e de todas as declarações da importância do papel dos educadores, nada de novo aconteceu que efetivamente repercutisse na situação do magistério, sobretudo no ensino básico. Ao contrário, a situação só piorou, começando pela verdadeira degradação salarial da categoria, índice significativo de relevância real de uma função numa sociedade regida por economia capitalista. Não bastasse o aviltamento do salário, os professores ainda se defrontam com as condições de trabalho piores possíveis, tal o descaso em que se encontram as escolas, sobretudo aquelas da rede pública.

A educação sistemática ofertada à população hoje dá a impressão de que só incorporou os defeitos da massificação, não conseguindo incorporar as vantagens da democratização. Tem-se proclamado nos discursos teóricos, nos textos legais e na retórica oficial, que o objetivo final de toda educação é a plena realização do homem, o desenvolvimento de todas as suas potencialidades. Trata-se de uma colocação de objetivos de modo genérico e abstrato, impossível contradizê-la enquanto dimensão humanista, referindo-se a um ideal que se quer alcançar.

Assim, ela visa uma maior humanização, a planificação da existência humana, para que se esclareça concretamente os caminhos a seguir na realidade histórica.

O currículo e a universidade

Muitos problemas educacionais são encontrados hoje em dia, em virtude de um planejamento mal elaborado e estruturado, partindo de uma visão errônea, onde se coloca em primeiro plano objetivos com concepções obscuras quanto às metas, tópicos e conteúdos a serem desenvolvidos de maneira eficaz com os alunos.

TYLER (1979), neste sentido, afirma que na elaboração de um currículo, devemos tomar cuidado quanto ao programa educacional, seguindo a realidade e com fins educacionais básicos, concentrando esforços para um melhoramento continuado, através de um grupo de professores talentosos, com concepções claras das metas, seguindo um planejamento de experiências de maneira clara e objetiva, juntamente com os alunos, discutindo sempre os problemas apresentados anteriormente e procurando sanar estas dificuldades.

APPLE (1982), coloca que devemos desenvolver estudos seguindo tendências sociológicas e econômicas, como tentativas de realizar uma reconceituação de campo, observando as questões de forma aprofundadas, não reproduzindo fatos, mas criando condições de desequilíbrio no modo de pensar e agir, não esquecendo nossas tradições, mas tornando-as também nosso presente e futuro.

Ainda sobre o currículo, GIROUX (1987), nos apresenta situações a serem pensadas na fase de elaboração do mesmo, dentro do tópico “o discurso e o papel dos educadores como intelectuais transformadores”. Considera o conhecimento como objetivo, como algo a ser transmitido aos estudantes, de forma que os mesmos venham a refletir dando ênfase ao que é conhecimento escolar. Quais são os interesses subjacentes que estruturam a forma e conteúdos deste conhecimento, como isto é transmitido e que acesso temos a este conhecimento, que valores e formações culturais são legítimas pelas formas dominantes do saber. Assim poderemos articular relações de estruturação para uma sociedade ampla, através de uma discussão voltada para um ensino capaz de fazer nossos alunos pensarem e refletirem através de uma aprendizagem mais educacional.

MARQUES (1986), seguindo a linha de raciocínio acima, nos coloca que o papel da universidade é conviver com o saber universal produzido através dos tempos na construção das ciências, nas necessárias vinculações destas com visões de mundo para além das especializações e regionalidades e nas aplicações destas

na solução dos problemas do existir humano. Assim, continua o autor, a universidade através do estudo, da pesquisa, do acompanhamento sistemático das conquistas da ciência nas diferentes áreas do conhecimento humano, através das vinculações efetivas, orgânica e sistemática com o mundo universitário mais amplo e com as instituições culturais e de pesquisa. Observando estas colocações, devemos prestar atenção nas reformulações curriculares, para usufruirmos sempre das melhores formas de ensino, voltadas para o nosso meio, de forma que as mudanças realmente venham somar no nosso dia-a-dia.

FRANTZ (1986), no seu modo de pensar, diz que devemos elaborar o saber que está presente na sociedade, através de um processo de investigação e de educação participativo. Este deverá capacitar a população a elaborar seu próprio conhecimento para torná-lo instrumento para sua atuação política e para o exercício pleno de sua cidadania. O objetivo primordial deverá ser engajar este profissional no serviço da vida local e regional, em todos os campos e setores; um engajamento que permita o confronto constante das competências técnicas com as condições concretas das práticas coletivas.

Assim, devemos ter um cuidado especial com os objetivos direcionados para um estudo curricular na formação de professores de Educação Física como profissionais, no sentido de desenvolver uma atitude de investigação e análise científica da realidade. Isto só será possível através da observação das experiências de ensino que fomentam o atual sistema, com adequação de metodologias, visando um rendimento efetivo do sujeito, desenvolvendo um planejamento que proporcione ao professor, uma visão de espírito crítico e social por excelência.

Estes planejamentos, objetivamente, pretendem formar profissionais da Educação Física, capazes de analisar criticamente os conhecimentos no sentido de compreenderem as condições e os processos pelos quais foram produzidos. Com o fim de sustentar a ação pedagógica competente devem garantir o desenvolvimento

profissional juntamente com a pesquisa na área, através de um currículo fundamentado, em relação a pesquisa interdisciplinar e uma prática pedagógica compromissada com a formação de profissionais na área de conhecimento específico, com atitudes de reflexão e decisão que ampliem o conhecimento de forma geral, com condições de liderança e capazes de abordar a dinâmica do processo de uma sociedade em permanente transformação.

O currículo na formação e a atuação do profissional de Educação Física

Acredito que o ensino universitário hoje deve caracterizar-se pela produção de novos conhecimentos, abandonando a metodologia depositária de informações numa concepção bancária e adentrando ao ato de pensar crítico e criativamente. Salvo erro de interpretação, apesar dos mais de 50 anos de história dos cursos de licenciatura em Educação Física no Brasil, a maioria deles ainda se estrutura na transmissão de informações dominadas, de exacerbado praticismo, resumindo-se no passar receitas didático pedagógicas prontas. Não há, portanto, a geração de um novo conhecimento, o que, por si só, inviabilizaria a formação desse profissional na universidade.

Pensar a formação profissional hoje em dia, a nível de graduação, nas universidades brasileiras, é missão quase impossível em qualquer área, pois várias delas não conseguiram se estruturar nem em termos de transmissão de ensino atualizado; outras, já transferiram para a pós-graduação a tarefa da graduação.

Pensar e repensar a formação profissional em Educação Física não pode repetir fórmulas falidas colocadas em prática em situações e épocas anteriores, como simplesmente mudar o currículo, elenco de disciplinas, distribuição de carga horária, somente por mudar, devemos através das mudanças estabelecidas, conscientizar nossos profissionais, preparando-os para um período de transformação, motivando-os para o momento atual de nossa realidade.

A realidade social brasileira organizou-se muito além da estrutura de uma educação escolar formal. Por essa razão fica difícil defender um curso superior, na área da Educação Física, que continue a focar apenas uma vertente, a licenciatura, enquanto várias outras áreas da ciência enfocam um estudo mais generalista.

Importante é salientar, com referência à formação profissional na área da Educação Física, que a versão mais divulgada de educação é aquela que tem como tarefa a aquisição, a sistematização e a transmissão de conhecimentos, como instrumentos de um saber determinado, entendido como experiências acumuladas, algo pronto e acabado, onde quem detém o saber o transmite para os escolhidos de forma fracionada e voltada exclusivamente para o aprimoramento técnico.

Outra versão de educação é aquela que a considera como um fenômeno social amplo, vinculado ao contexto sócio-histórico, do qual sofre influências e influencia, numa relação dialética. Esta se baseia na dicotomia entre o saber e o agir, pensar e fazer, teoria e prática. A apropriação do conhecimento se dá pela ação e reflexão sobre o real.

O profissional de Educação Física, deve ter uma profunda visão social da escola, de sua história, problemas e perspectivas na sociedade brasileira. Sua formação acadêmica deve compatibilizar, uma formação unilateral, necessária a um educador com embasamento interdisciplinar, sem desvincular-se da formação específica em Educação Física, enquanto área delimitada do conhecimento. O ponto crucial deve ser a mediação entre a formação geral e específica, na qual os conhecimentos provenientes devem interagir, confrontar-se e reconstruir-se em conhecimentos visando a interação teoria - prática no processo ensino aprendizagem.

Ainda sobre o currículo de Educação Física, TOJAL (1989) afirma que este deve voltar-se também para a formação de pesquisadores, levar o profissional a ter uma consciência mais integral da problemática educacional a ser enfrentada, melhorando

sua postura frente aos problemas, dando-lhe características de segurança de atuação, levando-o a obter o reconhecimento positivo pelos benefícios do seu trabalho, bem como criando oportunidades de oferecer prática laboratorial como parte integrante e importante na formação do profissional de Educação Física.

O que podemos observar neste sentido, e seguindo o mesmo pensamento do autor citado, é o completo abandono por parte das instituições no que concerne ao estágio e às práticas de laboratórios na prática didática, não existindo professores motivados e formados para acompanhar e orientar essas atividades, deixando de ser trabalhada parte substancial da realidade que o futuro profissional irá encontrar.

A produção deste texto, teve como objetivo exercitar a reflexão quanto à formação ou estruturação dos currículos dos cursos de Educação Física centrados exclusivamente numa visão direcionada à técnica, ao esporte como fim e não como meio de transformação, com uma abordagem voltada a resultados e não como atividade de lazer ou bem-estar do cidadão.

A Educação Física está em transformação no mundo inteiro, que tal pararmos um pouco e repensarmos o que temos e o que realmente queremos com o nosso curso de Educação Física?

Referências Bibliográficas

- ALVES, N. (org). **Formação de professores, pensar e fazer**. 2.ed. São Paulo : Cortez, 1993.
- APPLE, M.W. **Educação e poder**. Porto Alegre : Artes Médicas, 1989.
- _____. **Ideologia e currículo**. São Paulo : Brasiliense, 1982.
- BRANDÃO, Z. (org). **A crise dos paradigmas e a educação**. 2.ed. São Paulo : Cortez, 1994.
- CAPRA, J. **O ponto de mutação**. São Paulo : Cultrix, 1987.
- FLEURI, R. M. **Educar para que?** : contra o autoritarismo da relação pedagógica na escola. São Paulo : Cortez, 1994.
- FRANTZ, T.R. **Universidade e compromisso social. Contexto e educação**, Ijuí, 1986.

- FRIGOTTO, G. **A produtividade da escola improdutiva**. 4.ed. São Paulo : Cortez, 1993.
- GIROUX, H. **Escola crítica e política cultural**. São Paulo : Cortez : Autores Associados, 1987.
- HABERMAS, J. **Consciência moral e agir comunicativo**. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 1989.
- MARQUES, M.O. **A formação do profissional da educação**. Ijuí : Ed. Unijuí, 1992.
- _____. **Na mediação social do aprendido e da docência**. Ijuí : Ed. Unijuí, 1995.
- _____. **Universidade e contexto. Contexto e educação**, Ijuí, 1986.
- SEVERINO, A.J. **Pensando a pós-graduação em educação**. Piracicaba : UNIMED, 1993.
- SILVA, E.T. **Magistério e mediocridade**. 2.ed. São Paulo : Cortez, 1993.
- TOJAL, J.B. **Currículo de graduação em Educação Física : a busca de um modelo**. Campinas : Editora da UNICAMP, 1989.
- TYLER, R.W. **Princípios básicos de currículo e ensino**. Porto Alegre : Globo, 1979.
- WERNECK, H. **Se você finge que ensina, eu finjo que aprendo**. 7.ed. Petrópolis : Vozes, 1995.